



– Igreja ao serviço da ecologia integral

Focos de conversão ecológica

Texto de apoio 4

O Evangelho da Criação

Laudato Si', cap. II

Observação: Os tópicos que seguem não dispensam, antes sugerem, que o grupo faça a leitura prévia do capítulo II da *Laudato Si'* na íntegra.

1. Porquê recorrer à fé para construir uma ecologia integral? Uma dupla razão.

Se tivermos presente a complexidade da crise ecológica e as suas múltiplas causas, deveremos reconhecer que as soluções não podem vir de uma única maneira de interpretar e transformar a realidade. É necessário recorrer também às diversas riquezas culturais dos povos, à arte e à poesia, à vida interior e à espiritualidade. Se quisermos, de verdade, construir uma ecologia que nos permita reparar tudo o que temos destruído, então nenhum ramo das ciências e nenhuma forma de sabedoria pode ser transcurada, nem sequer a sabedoria religiosa com a sua linguagem própria. (LS, 63)

Se, pelo simples facto de serem humanas, as pessoas se sentem movidas a cuidar do ambiente de que fazem parte, “os cristãos, em particular, advertem que a sua tarefa no seio da criação e os seus deveres em relação à natureza e ao Criador fazem parte da sua fé”. Por isso é bom, para a humanidade e para o mundo, que nós, crentes, conheçamos melhor os compromissos ecológicos que brotam das nossas convicções. (LS, 64)

2. O que nos ensina a Bíblia? Algumas sugestões.

A Bíblia ensina, a começar nos primeiros capítulos do *Genesis*, mas não só, que:

Cada ser humano é criado por amor, feito à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1, 26). Esta afirmação mostra-nos a imensa dignidade de cada pessoa humana, que “não é somente alguma coisa, mas alguém. É capaz de se conhecer, de se possuir e de livremente se dar e entrar em comunhão com outras pessoas [Catecismo da Igreja Católica, 357]. (LS, 65)

A existência humana baseia-se sobre três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra. Estas três relações vitais rompem-se, não só exteriormente, mas também dentro de nós, pelo pecado. (LS, 66)

A harmonia entre o Criador, a humanidade e toda a criação ferimo-la nós, por pretendermos ocupar o lugar de Deus, recusando reconhecer-nos como criaturas limitadas. (LS, 66)

Não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada. [...], hoje devemos decididamente rejeitar que, do facto de sermos criados à imagem de Deus e do mandato de dominar a terra, se deduza um domínio absoluto sobre as outras criaturas. (LS, 67)

Esta responsabilidade perante uma terra que é de Deus implica que o ser humano, dotado de inteligência, respeite as leis da natureza e os delicados equilíbrios entre os seres deste mundo. Ao mesmo tempo que podemos fazer um uso responsável das coisas, somos chamados a reconhecer que os outros seres vivos têm um valor próprio diante de Deus. (LS, 68)

Pela sua dignidade única e por ser dotado de inteligência, o ser humano é chamado a respeitar a criação com as suas leis internas. (LS, 69)

As diferentes criaturas, queridas pelo seu próprio ser, reflectem, cada qual a seu modo, uma centelha da sabedoria e da bondade infinitas de Deus. É por isso que o homem deve respeitar a bondade própria de cada criatura, para evitar o uso desordenado das coisas. (LS, 69)

3. Que lições retiramos da sabedoria bíblica para a nossa vida e para as nossas comunidades?

- Como nos vemos a nós próprios/as no conjunto da Criação? Que lugar ocupamos?
- Como nos relacionamos com os outros humanos? Que sentido temos do bem comum?
- Como respeitamos as demais criaturas?
- Como promovemos e praticamos a contemplação da beleza da Criação?
- Que podemos fazer para que a nossa comunidade eclesial aprofunde o evangelho da Criação?

4. Que lugar tem a Criação na nossa espiritualidade?

A melhor maneira de colocar o ser humano no seu lugar e acabar com a sua pretensão de ser dominador absoluto da terra, é voltar a propor a figura de um Pai criador e único dono do mundo; caso contrário, o ser humano tenderá sempre a querer impor à realidade as suas próprias leis e interesses. (LS, 75)

Na tradição judaico-cristã, dizer “criação” é mais do que dizer natureza, porque tem a ver com um projecto do amor de Deus, onde cada criatura tem um valor e um significado. A natureza entende-se habitualmente como um sistema que se

analisa, compreende e gere, mas a criação só se pode conceber como um dom que vem das mãos abertas do Pai de todos, como uma realidade iluminada pelo amor que nos chama a uma comunhão universal. (LS, 76)

[...] cada criatura é objecto da ternura do Pai que lhe atribui um lugar no mundo. Até a vida efémera do ser mais insignificante é objecto do seu amor e, naqueles poucos segundos de existência, Ele envolve-o com o seu carinho. (LS, 77)

A meta do caminho do universo situa-se na plenitude de Deus, que já foi alcançada por Cristo ressuscitado, fulcro da maturação universal. E assim juntamos mais um argumento para rejeitar todo e qualquer domínio despótico e irresponsável do ser humano sobre as outras criaturas. O fim último das restantes criaturas não somos nós. Mas todas avançam, juntamente connosco e através de nós, para a meta comum, que é Deus, numa plenitude transcendente onde Cristo ressuscitado tudo abraça e ilumina. Com efeito, o ser humano, dotado de inteligência e amor e atraído pela plenitude de Cristo, é chamado a reconduzir todas as criaturas ao seu Criador. (LS, 83)

5. Que implicações retiramos para a construção da ecologia integral?

– O desenvolvimento do sentido de uma comunhão universal:

Tudo está relacionado, e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos como irmãos e irmãs numa peregrinação maravilhosa, entrelaçados pelo amor que Deus tem a cada uma das suas criaturas e que nos une também, com terna afeição, ao irmão sol, à irmã lua, ao irmão rio e à mãe terra. (LS, 92)

– O reconhecimento do destino comum dos bens e sua consequência em relação à propriedade e ao uso responsável dos bens, em especial na relação com os mais pobres:

Toda a abordagem ecológica deve integrar uma perspectiva social que tenha em conta os direitos fundamentais dos mais desfavorecidos. O princípio da subordinação da propriedade privada ao destino universal dos bens e, conseqüentemente, o direito universal ao seu uso é uma “regra de ouro” do comportamento social e o “primeiro princípio de toda a ordem ético-social”. A tradição cristã nunca reconheceu como absoluto ou intocável o direito à propriedade privada, e salientou a função social de qualquer forma de propriedade privada. (LS, 93)

– A consideração do meio ambiente como um bem colectivo, património de toda a humanidade e responsabilidade de todos:

Quem possui uma parte é apenas para a administrar em benefício de todos. Se não o fizermos, carregamos na consciência o peso de negar a existência aos outros. (LS, 95)

Redigir uma breve síntese com propostas para acção futura em relação à comunidade (liturgia, catequese, gestão dos espaços).

A concluir

Breve leitura do Evangelho: Lc 12,6 ou Mt 6,26 ou outro texto que evidencie o testemunho e o ensinamento de Jesus acerca da Criação e da sua relação com Deus, Criador e Pai.

Reservar um tempo de silêncio e contemplação.

Cântico de S. Francisco de Assis

*Louvado sejas, meu Senhor,
com todas as tuas criaturas,
especialmente o meu senhor irmão sol,
o qual faz o dia e por ele nos alumia.
E ele é belo e radiante com grande esplendor:
de Ti, Altíssimo, nos dá ele a imagem.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
pela irmã lua e pelas estrelas,
que no céu formaste claras, preciosas e belas.
Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento
pelo ar, pela nuvem, pelo sereno, e todo o tempo,
com o qual, às tuas criaturas, dás o sustento.*

*Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água,
que é tão útil e humilde, e preciosa e casta.*

*Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo,
pelo qual iluminas a noite:
ele é belo e alegre, vigoroso e forte.*

*Louvado sejas, ó meu Senhor,
pela nossa irmã a mãe Terra,
que nos sustenta e governa,
e produz variados frutos,
com flores coloridas, e verduras.*